

ANÍSIO TEIXEIRA – O NOSSO PRAGMATISTA DO SÉCULO XX FAZENDO FILOSOFIA NO COMEÇO DO SÉCULO XXI

*Paulo Ghiraldelli Jr.
Doutor em Filosofia e História da Educação
Professor da Universidade Estadual Paulista/UNESP*

A. DOS DIAS EM QUE SOBRE ANÍSIO ERA LÍCITO FALAR: "NÃO LI E NÃO GOSTEI".

I

Há pessoas com sorte e pessoas com azar. Há intelectuais com sorte e intelectuais com azar. Anísio Teixeira não foi um completo homem de sorte como intelectual.

Eu penso que seu brilhantismo merecia melhor destino. Em geral, a sorte de um intelectual não depende só de seu intelecto, de seu tirocínio, mas depende muito, principalmente depois de seu desaparecimento, de bons biógrafos, bons intérpretes e de ter sido, em vida, apoiado por figuras intelectuais tão grandes quanto ele. Anísio teve as três coisas. Foi biografado, entre outros bons e sérios intelectuais, por Hermes Lima, foi sempre aplaudido em vida por Monteiro Lobato e quanto aos intérpretes houve quem se preocupou seriamente com o que ele fez na política e com o que ele pensou e fez em educação. Mas Anísio como intelectual, pelo menos por um período cujas marcas talvez não possam ser modificadas para toda uma ou duas gerações, passou por uma maré de azar. E a meu ver isso ocorreu não quando ele se auto-exilou das atividades públicas, durante o Estado Novo de Vargas, ou nem mesmo quando, depois de 1964, todos nós passamos a sofrer as dificuldades de viver sob uma ditadura militar burra e sanguinolenta. O verdadeiro período de azar do intelectual Anísio Teixeira ocorreu, a meu ver, entre a segunda metade da década de 1970 e os últimos anos da década de 1980. Exatamente a década que se seguiu à sua morte. Pois foi nesse período que ele foi descaracterizado.

II

Nada pior para um intelectual que ser descaracterizado, de ser... roubado em sua verdade. Nada pior para uma comunidade quando um de seus membros mais inteligentes é desfigurado. Quando acontece isso, todos perdem. E foi o que ocorreu: todos nós perdemos. Todos nós, digo, todos nós da minha geração de pós-graduandos que fomos desencantados de ler Anísio Teixeira porque ele era "escolanovista", "tecnicista", "americanista" e, pior que tudo isso, "liberal" – todas essas palavras que do final da década de 1970 até meados de 1980, no interior da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a partir daí em vários outros lugares, passaram a participar de uma "semântica de tempos de guerra".

Não estou dizendo que nesse período biógrafos e intérpretes macularam os trabalhos de Anísio Teixeira. Não foi propriamente isso que ocorreu. O que ocorreu foi que por obra da interpretação excessivamente sociológica da educação durante esta época, interpretação esta que, curiosamente, foi utilizada não só por marxistas mas também pela direita, Anísio Teixeira foi sendo indiretamente tragado por um turbilhão de frases, aqui e acolá, que o colocaram

efetivamente em um segundo ou terceiro exílio. Por obra da luta da direita e da esquerda contra o pensamento dito liberal e por obra de um certo anti-americanismo da direita (lembra-se de Geisel, que falava do acordo nuclear Brasil-Alemanha como uma vitória contra os Estados Unidos?) e certamente e obviamente também da esquerda, todo o movimento filosófico de John Dewey foi atacado (não só aqui mas também nos Estados Unidos, mas lá por outras razões). Assim, Anísio, o reconhecido discípulo brasileiro de Dewey, indiretamente passou a ser fustigado quando então, já morto, não encontrou uma voz suficientemente forte para defendê-lo.



É claro que nesse período vários intelectuais influentes falaram coisas boas sobre ele. Darcy Ribeiro nunca deixou de chamá-lo de "meu mestre", e isto não é pouco. Mas Darcy, no fim da vida, meteu os pés pelas mãos mais do que em qualquer outra época, se comprometendo com a direita nos episódios da confecção da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. E sendo assim,

perdeu um pouco de força moral, o que indiretamente atingia tudo o que ele falava. Com isso, Anísio perdeu mais uma vez. Florestan Fernandes também deu vários recados favoráveis na direção de Anísio mas, no íntimo, nas entrelinhas, o socialismo radical de Florestan via Anísio como um liberal a ser ultrapassado, e tal avaliação subjacente nos textos de Florestan, em vários momentos mais atrapalhou que ajudou Anísio (Florestan talvez nunca tenha se interessado em perceber que ser liberal, no sentido americano como Anísio via esta palavra, nada tinha de conservador). Paulo Freire, por sua vez, poderia ter sido mais incisivo em favor de Anísio, mas não foi. Quando voltou ao Brasil, vindo do exílio, Paulo Freire foi tomado pelo então jovem Dermeval Saviani como "escolanovista"; ora, tal termo, graças ao nosso consumo da literatura pedagógica socialista francesa e italiana (Snyders e Manacorda à frente), havia se transformado em um termo pejorativo e então Paulo Freire recuou, tentando não se comprometer nem com Dewey nem com Anísio. Afinal, as patrulhas ideológicas de esquerda, naquela época de redemocratização, funcionavam já melhor do que o aparato repressivo da ditadura militar de direita e Paulo Freire não quis nadar contra a correnteza. É claro que, a bem da verdade e da justiça, em uma de suas últimas entrevistas, em Nova York, Paulo Freire voltou a falar bem de Anísio; e no livro *Paulo Freire – uma biobibliografia*, Dewey já podia ser lembrado como uma grande e decisiva influência absorvida por Paulo Freire sem quaisquer restrições. Mas ainda assim tal livro e seus organizadores, a meu ver, ficaram devendo um pouco ao público, cedendo pouco espaço à obra de Anísio como uma obra de valor intelectual atual na medida em que ela preparou o terreno para Paulo Freire.

Mas não só a esquerda da chamada "área da educação", principalmente a esquerda marxista, conseguiu nublar, por meio de uma máquina de propaganda poderosíssima (não se pode negar a hegemonia de uma determinada leitura marxista, dentro do quarto grau na área de educação, então nascente), a posição intelectual de Anísio; e isso sem que essa esquerda tenha escrito muita coisa diretamente contra Anísio! Também a direita da "área da educação" pós-64

que no Brasil, mesmo participando da ditadura militar, nunca se auto-proclamou como "de direita" mas sim "liberal", fez o seu papel contra Anísio. E isto também de modo indireto. As ações da direita podem ser resumidas no seguinte: um ataque difuso contra o pensamento psicológico liberal americano, o fechamento concreto dos colégios e ginásios experimentais e, por fim, alguns livros pouco rigorosos que falavam aqui e ali de John Dewey e outras coisinhas desse tipo (essas situações nos faz lembrar da figura de José Mario Pires Azanha). Somados aos ataques esquerdistas, tudo isso serviu em muito para embaçar e descaracterizar indiretamente Anísio Teixeira, na medida em que atingia seus ideais.

Aliás, diga-se de passagem, nada mais tolo e talvez mais perverso do que a utilização indiscriminada daquela frase – "educação como ilusão liberal" –, que tanto a direita quanto a esquerda usaram nas salas de aulas dos programas de pós-graduação para formarem uma ou duas gerações de mestres e doutores que nunca puderam ler Dewey ou Anísio livremente, dado que estes eram taxados como ilusionistas do "liberalismo" ou como iludidos pelo "liberalismo". E, naquela época, uma pessoa que ainda estava "iludida pelo liberalismo" certamente não merecia o tão sonhado título de mestre ou doutor, títulos estes que já começavam a ser a grande cobiça de uma geração de professores não-universitários sem perspectiva na própria carreira no primeiro e segundo graus.

Um pouco antes deste tempo, Chico Buarque cantava contra a ditadura: "apesar de você amanhã há de ser outro dia". E de fato, estamos finalmente em "outro dia", em relação às ditaduras. Passou aquilo que Chico queria que passasse e passou também aquilo que Chico talvez não quisesse que passasse. Mas e no caso de Anísio? E no caso da filosofia da educação, subimos um degrau? Passou ou não passou o preconceito contra Anísio?

III

Agora, no centenário de nascimento de Anísio Teixeira, livres (ou já quase livres) daquela literatura que dominou os influentes programas de pós-graduação em filosofia da educação nas décadas de 1970 e de 1980, talvez tenha chegado a hora de fazermos com Anísio o que Carlos Monarcha fez com Lourenço Filho: começar a lê-lo sem traumas ideológicos, sem padrões e sem estrelas dominantes em programas de pós-graduação. Somos capazes disso? Eu mesmo, em parte educado por pessoas que acabei de criticar acima – exceto, é claro, os de direita (Deus me protegeu pelo menos disso!) –, seria capaz hoje de conseguir ler Anísio sem preconceitos? Será que eu, hoje, poderia abrir um texto de Anísio Teixeira e entendê-lo na sua grandeza de perspectivas? Ou a azar de Anísio também foi o meu azar?

B. DOS TEMPOS ONDE SE POSSA DIZER :

"LI E... ÊPA, NÃO É QUE AÍ TEM COISA INTERESSANTE!"

IV

O primeiro problema que enfrentamos ao ler Anísio Teixeira em termos filosóficos é que uma boa parte daqueles que escreveram (ou não escreveram!) de modo a turvar as águas anisianas é que eles o fizeram de um ponto de vista "histórico" e/ou "sociológico", mas disseram estar fazendo filosofia da educação.

Sendo assim, começo aqui por distinguir claramente o que vou fazer: não vou abordar Anísio do ponto de vista da história política ou da história sociológica, mas vou abordá-lo do ponto de vista da sua relação com as tramas específicas de acontecimentos ocorridos no interior

do que, neste século, tanto os filósofos da "tradição continental" quanto os da "tradição analítica" continuam a chamar de filosofia. E vou procurar fazer isso tomando os últimos trinta anos, ou seja, a época em que começamos a pensar na idéia de "final de século" e de "final de milênio", o que sempre nos levou a fazer balanços, retrospectivas e prospectivas. Assim, o que vou fazer é esboçar um breve contexto, ainda que este contexto não tenha características histórico-sociológicas, mas sim características filosófico-históricas.

V

Na minha maneira de ler a história da filosofia dos últimos trinta anos, olhando para a "tradição continental" e tendo no peito o amor pela filosofia da educação, o ponto marcante, ou seja, o ponto de inflexão da filosofia no Ocidente poderia ser sinalizado por uma pequena brochura: *A condição pós-moderna*, de Jean François Lyotard. Em analogia, olhando a "tradição analítica", não tenho como não apontar o livro *A filosofia e o espelho da natureza*, de Richard Rorty.

Ambos os livros são de 1979 e ambos os livros são grandes sínteses de autores que uma vez entrando na maturidade puderam, hegelianamente falando, sobrevoar o que havia ocorrido no século XX, já que estávamos no entardecer. Em ambos os livros havia um anúncio especial e específico para a filosofia da educação até porque os dois eram livros que terminavam com seus olhares voltados para problemas tipicamente educacionais. Tais anúncios eram parecidos – são parecidos: dizem quase a mesma coisa, embora, é claro, por pertencerem a tradições diferentes, usassem vocabulários diferentes. Vou lembrá-los apenas no que eles tinham de negativo e não na proposta positiva que cada um deles trazia, isso porque, em ambos os casos, eles foram lidos negativamente; aliás, poucos perceberam que se tratavam de livros completamente otimistas e positivos desde as suas primeiras páginas.

Primeiro, *A condição pós-moderna*.

Lyotard dizia: vivemos em uma época não mais moderna, vivemos em uma época pós-moderna e isto porque ninguém mais acredita em metanarrativas, ninguém mais pode intelectualmente usar metanarrativas para sustentar suas narrativas, ou seja, vivemos em uma época em que narrativas como as da ciência e da tecnologia se desligaram na consciência dos intelectuais dos grandes discursos filosóficos que na modernidade eram tomados pelos intelectuais como sustentáculos necessários dos discursos com valor de verdade.

Segundo, *A filosofia e o espelho da natureza*.

Rorty disse: vivemos em uma época na qual o que era o núcleo da filosofia moderna – a epistemologia, a teoria do conhecimento científico – não tem mais o valor de verdade fundamental que tinha na modernidade; ou seja, vivemos em uma época em que os intelectuais dedicados especificamente à filosofia começam a perceber que a metafísica moderna, ou seja, a epistemologia fundacionista, com seus sustentáculos na filosofia da mente e nas teorias da verdade de âmbito lógico e/ou epistemológico, não podem mais ter a pretensão de guias da cultura ou sustentáculos da cultura como pretendiam.

Quando Lyotard e Rorty disseram isto, a filosofia da educação – não no Brasil, pois aqui vivíamos o êxtase marxista, quase místico às vezes –, na Europa e nos Estados Unidos, começou a se incomodar. Ela se sentia incomodada em dois terrenos.

Primeiro terreno. A filosofia da educação enquanto uma doutrina que acolhia uma metanarrativa, fosse ela qual fosse (qualquer das variantes do iluminismo), parecia não ter mais nenhuma função. Parecia que havia definitivamente chegado a hora e a vez de Durkheim, ou de

um certo Durkheim: "basta de pedagogia, pois esta ainda é uma variante da filosofia da educação e portanto das utopias, e que viva então as ciências da educação!"

Segundo terreno. A filosofia da educação enquanto uma investigação epistemológica e lógica sobre a verdade, que mantinha a legitimidade do discurso educacional, fosse este a própria teoria educacional – a didática – ou fosse este o discurso da ciência exposto didaticamente – os conteúdos –, perdia sua validade enquanto o núcleo seguro do discurso educacional.

Que o leitor não perca de vista o seguinte. Não estou dizendo aqui que Lyotard instituiu o pós-moderno e Rorty instituiu o fim da epistemologia. Muita gente boa interpretou assim as falas de Lyotard e Rorty mas tais interpretações estão, em certa medida, erradas. O que Lyotard e Rorty fizeram, no mesmo ano, foi assumirem o papel de corujas de Minerva e virem mostrar a autoconsciência da cultura quando esta se percebe à beira de mudanças – neste caso, uma mudança significativa: a possibilidade de termos pessoas que viessem a assumir que vivemos o fim da Era Moderna e o fim da filosofia.

Ora, mas o que Anísio Teixeira, morto em 1971, tem a ver com isso? Muito! O quanto Anísio Teixeira pode ser redescrito como um filósofo da educação dos nossos tempos depende bastante do quanto ele foi capaz de também perceber toda essa situação que, aqui, eu coloquei a partir de Lyotard e Rorty (embora, é claro, eu penso que poderia ter escolhido outros autores – escolhi estes porque estes eu li).

VI

No centenário de nascimento de John Dewey, em 1959, Anísio Teixeira escreveu o que eu considero um dos mais simples e ao mesmo tempo mais interessantes artigos em filosofia da educação produzidos por um brasileiro, considerando aqui, obviamente, o tempo e o lugar. Vou citar o trecho, embora dividindo-o propositalmente em partes numeradas, para que leitor preste bastante atenção em cada ponto separadamente. Anísio termina tal artigo da seguinte forma:

1. De qualquer modo, porém, todo o grande problema contemporâneo continua a ser o da organização da sociedade democrática, com uma filosofia adequada, em face dos novos conhecimentos científicos, das novas teorias do conhecimento, da natureza, do homem e da própria sociedade democrática.
2. Essa filosofia, que irá determinar a educação adequada à nova sociedade democrática em processo de formação, já se acha esboçada na grande obra de John Dewey que a traçou tendo em vista mais especialmente a sociedade americana, a qual, por um conjunto de circunstâncias, constitui a sociedade que historicamente mais se viu sob a influência direta do espírito oriundo dos movimentos pré-democráticos dos séculos XVI e XVIII e mais liberta das influências do feudalismo e da Idade Média.
3. Como as filosofias, em suas formulações teóricas, ocorrem sempre a posteriori, mais como explicações ou justificações das culturas existentes, ou predicções para sua reforma, revisão e reconstrução, não se consegue a sua implantação senão depois de longos esforços e lutas.
4. A educação institucionalizada em escolas resiste de todos os modos à ação das novas idéias e novas teorias e só lentamente se irá transformando até chegar a constituir verdadeira aplicação da nova filosofia democrática da sociedade moderna. (Teixeira, Anísio. *Filosofia e educação*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 32, nº 75, jul./set. 1959. pp.14-27. Retirado da Biblioteca Virtual Anísio Teixeira, no *site* do "Prossiga". <<http://www.prossiga.br/anisio Teixeira/>>)

O texto de Anísio, cujo título é "Filosofia e educação" deve ser lido inteiramente, e várias vezes; e sob vários ângulos. Todavia, para o que quero aqui, este trecho acima, quase que

final no artigo de Anísio, permite detectarmos uma compreensão incomum da filosofia da educação no Brasil, tanto para a época e quanto mais para o que se seguiu pós-1959. Coloco três pontos para guiar a leitura do parágrafo e, é claro, do artigo todo (portanto, o entendimento deste meu texto pressupõe do leitor o conhecimento do artigo inteiro de Anísio).

Primeiro: Anísio tinha claro que o problema era o da adequação entre a explicação filosófica – que ele, hegelianamente, sabia que se tratava de uma explicação a posteriori – e a forma de vida democrática. A forma de vida democrática, exatamente por ser oposta à estagnação da forma de vida feudal, participa do dinamismo do culto ao que é novo, e a América é exatamente onde o novo se apresenta quase que como um imperativo. Para mantermos a coerência intelectual, teríamos que participar de uma metanarrativa, de uma filosofia, que fosse capaz de ser tão dinâmica quanto as narrativas que ela vem justificar, as narrativas científicas, etc.

Segundo: a escola não pode ensinar algo sem justificativa, sem um solo que possa ser chamado de metadiscurso e que esteja garantindo o seu discurso, ou sem algo que possa ser chamado, por exemplo, de epistemologia, uma teoria do conhecimento – conhecimento este que é a base dos conteúdos escolares. Este metadiscurso não vai fundar ou fundamentar o discurso em um sentido tradicionalmente metafísico, mas ele precisaria existir no mínimo para termos uma visão global a respeito do que fazemos cotidianamente enquanto criadores e usuários das ciências e da tecnologia nos seus mais variados modos de aparecimento. Ou seja, o discurso filosófico da educação não tem de ser um discurso fundacionista, embora precise existir na medida em que nossa vida intelectual é, enquanto vida intelectual, coerente: enquanto professores, podemos abrir mão de garantirmos aos alunos que estamos falando a verdade de nossa aula, mas não podemos abrir mão de garantirmos a verdade de nossa aula, ou seja, a consistência lógica e didática de nossa aula enquanto aquilo que nossos melhores pares chamam de conhecimento.

Terceiro: mas como fazer esta junção, capaz de nos armar com novas sínteses, se a escola resiste às novas idéias, se ela mesma resiste às novas sínteses filosóficas que tornariam o discurso educacional – tanto a didática quanto os conteúdos – um conjunto harmônico entre narrativas científicas e as novas justificativas, digamos, filosóficas? Em outras palavras: como ver na escola a sua prática, dentro de uma democracia – a forma de vida moderna adotada no Ocidente e exportada para o Oriente –, em harmonia com uma "filosofia da sociedade democrática"?

Ora, ao meu ver, se pudermos ler o artigo de Anísio e principalmente este trecho citado como expressões desses três pontos acima, não podemos duvidar que em 1959, no centenário de nascimento de Dewey, Anísio estava refletindo, em filosofia da educação, *mutatis mutandis*, nos mesmos termos que americanos e europeus refletiram, vinte anos depois, quando da publicação de *A condição pós-moderna* e *A filosofia e o espelho da natureza*. Minha avaliação, então, é que Anísio rondava o problema básico da "filosofia da educação de nosso tempo" como Dewey rondou este problema e por isso este último teve condições de ser lido como um filósofo vivo por Rorty, no Estados Unidos, e por Habermas, na Europa. Anísio podia estar para nós, quando lemos Lyotard, como Dewey esteve para Rorty quando este leu Lyotard.

VII

Traduzindo tudo isto para a prática cotidiana do professor e nos mantendo dentro da preocupação daquilo que estamos considerando filosofia da educação, o que se pode dizer? Primeiro: espantosamente, a preocupação de Anísio é já um esboço da preocupação dos leitores

de Lyotard e de Rorty: afinal, se sou professor e entro na sala de aula, entro para dizer um discurso verdadeiro e moralmente correto. Ora, mas o que me garante que eu falo a verdade e que eu julgo e ensino a julgar corretamente? Se pudesse ter lido Lyotard ou Rorty, Anísio diria: eis aí a questão, eis aí a contradição: qual filosofia da educação adotar se a filosofia da educação é sempre filosofia e portanto platonismo – a idéia de um mundo básico imutável, ideal, e portanto mais real, que subjaz a um mundo contingente, apenas empírico, e portanto menos real? Ou mais explicitamente: qual filosofia da educação adotar no interior de uma "civilização em constante e rápida mudança", se esta mudança atingiu até mesmo o que havia de mais estável: as metanarrativas e as bases do conhecimento, ou seja, a epistemologia?

É claro que Anísio tinha uma resposta diferente da de Lyotard – a idéia da ciência enquanto articulada à paralogia – e mais próxima da de Rorty – o ultrapassamento da discussão epistemológica e o aprofundamento da luta pela democracia e pelo seu aperfeiçoamento. Mas disso não decorre que Anísio Teixeira vivesse então como um homem tranqüilo (muito menos eu creio que Rorty viva tranqüilo ou que Lyotard tenha morrido tranqüilo). Anísio Teixeira ou Lyotard não foram como Sócrates ou como Epicuro. Estes foram homens que acreditavam que podíamos e devíamos morrer tranqüilos. Eu ficaria decepcionado se soubesse que Anísio era tranqüilo ou que Lyotard era tranqüilo. Penso neles como espíritos inquietos, até um pouco tristes. Assim Rorty também me parece.

A resposta de Anísio se enquadra não dentro da resposta do platonista, do padre ou do marxista, aqueles que sabem o que vai acontecer. A resposta de Anísio se enquadra no espírito de Lyotard e de Rorty: respostas taxativas que se parecem com certezas mas, antes que tudo, são muito mais esperanças nebulosas do que quaisquer certezas. Ora, talvez esteja aí então a nova filosofia da educação: antes "esperança que conhecimento", como já escreveu Rorty. Ou ainda: "pessimismo quanto ao conhecimento e otimismo quanto à prática", como já escreveu Horkheimer (e talvez Gramsci, não me lembro).

Redescrito assim, Anísio Teixeira, em seu centenário de nascimento, é tão atual quanto Dewey também o era em 1959, ainda que muitos dissessem que ele estava ultrapassado, e o quanto o é hoje, em 1999. Quem duvida disto que estou falando, leia direito Anísio Teixeira, pegue o artigo indicado linhas acima e reflita de peito aberto sobre a *story* que Anísio conta ali. Mas não a leia como *history* – as leituras erradas, estas eu mesmo já fiz no passado, e meu erro e o de outros não precisa ser repetido, afinal, era mesmo nada mais que... um erro.

Jardim Acapulco, Marília, 15 de setembro de 1999